

Bloco, fator de mudança

1. Enquadramento político atual

O Bloco de Esquerda participa numa solução de apoio parlamentar ao Governo do Partido Socialista, desde as últimas eleições legislativas, baseado num programa autónomo e diferenciado das restantes forças à esquerda. Sem prejuízo da sua autonomia, o Bloco soube interpretar a vontade popular e apresentou-se como o principal partido a identificar a necessidade de encetar um diálogo político com objetivos claros que ajudassem a construir essa inédita solução de mudança. Os desafios e as condições colocadas pelo Bloco possibilitaram a reversão de um conjunto de medidas, desde a reposição dos salários e pensões, ao emprego com direitos.

Neste novo cenário, garantimos que a recuperação dos rendimentos do trabalho e a manutenção dos serviços públicos, atacados nos últimos anos, fizessem parte da agenda da governação, criando estabilidade e fazendo diferença na vida concreta das pessoas. A rejeição parlamentar a um Governo PSD/CDS expôs uma direita perdida na sua condição de oposição; ao mesmo tempo que afirma a “social-democracia” não rompe com o seu passado de ultraliberalismo articulado com as imposições da União Europeia.

O acordo para a recuperação de rendimentos faz-se no âmbito do cenário macroeconómico do Partido Socialista e num quadro de pressões políticas das instituições europeias sobre as escolhas democráticas do governo português. Num caso como noutro, temas como a reestruturação da dívida e o controlo público dos sectores estratégicos são determinantes para uma solução que, depois de parado o empobrecimento, seja capaz de romper com a austeridade. Se foi o milhão de votos à esquerda do PS que permitiu os acordos para a viabilização do governo e do seu programa, é também a força social e política à esquerda do PS que permite o seu aprofundamento e a garantia das condições fundamentais da democracia social e económica.

2. Aumentar a influência social do Bloco

Esta solução de acordo parlamentar confirmou a influência social e política do Bloco e, com isso, permitiu a que possamos hoje somar novas adesões continuamente. As estruturas de trabalho local têm que ser geradoras dessa mobilização. O Bloco deve responder à expectativa daqueles que se juntam a este projeto com contributos e vontade de participar neste projeto de mudança e que reclamam ter um espaço de decisão no partido, exigindo formas de participação democrática mais inclusivas.

O espaço político que o Bloco conquistou pode ser fundamental no aprofundar do enraizamento local e implantação na vida local decorrentes de uma maior capacidade de influência e de mobilização. Quatro anos de empobrecimento do país e fragilização do Estado Social impõem atualmente ao Poder Local - garante de assistência de proximidade - a responsabilidade de amortecer o impacto social e económico das medidas do Governo anterior.

O Bloco disputa o seu espaço no plano autárquico mas também na criação de uma cultura política que reivindique o direito à cidade e as liberdades fora do plano institucional. As últimas eleições autárquicas tornaram evidente que a solução nacional é irrepitível em Odivelas, por não existir relação de forças que o permita e porque o PS recusou sempre qualquer aproximação programática à esquerda com base em soluções concretas. Entre o Bloco e o Partido Socialista é na forma como olhamos para o Estado, nomeadamente no que este significa ao nível local, e o que este deve representar em serviços públicos e Estado social, que encontramos a principal divergência no campo programático, sem prejuízo de outras.

São vários os desafios com que o Poder Local se debate. Transversalmente, o distanciamento e desconfiança generalizada dos eleitores em relação aos partidos, além do esvaziamento de serviços e competências pela extinção das freguesias, redução do número de trabalhadores e consequente aumento das competências das autarquias e a complexidade crescente do governo local. Recuperar a hegemonia da esquerda nas autarquias implica uma rutura com a política das últimas décadas. Em Odivelas, o Bloco de Esquerda é o único partido que pode protagonizar a mudança que permita desamarrear o concelho do consenso do bloco central e da sua política.

3. Reforçar o trabalho do Bloco no concelho de Odivelas

A Concelhia de Odivelas tem evidenciado uma trajetória de crescimento em ação e situação. Não nos referimos apenas ao trabalho desempenhado nos órgãos autárquicos – Assembleia Municipal e Assembleias de Freguesia -, nem tão pouco aos bons resultados eleitorais que se foram verificando no concelho, mas também à capacidade de trabalho e de mobilização a que a dinâmica proporcionada pela orgânica organizativa da estrutura local.

Mais uma vez, manter o nível de trabalho apresentado pelo Bloco de Esquerda, no último mandato na Assembleia Municipal de Odivelas, na qual fomos o partido que mais documentos submeteu a votação, alargando-o às assembleias de freguesia, foi o compromisso da Concelhia. Para tal, torna-se necessário aprofundar o conhecimento dos problemas específicos de todas as freguesias. É objetivo da Concelhia alargar a sua rede de contactos e informações a todas as freguesias, em particular na freguesia em que estamos em que o enraizamento do Bloco é menor.

A Concelhia de Odivelas terá de levar os problemas das populações para as assembleias e, ao mesmo tempo, trazer essas mesmas discussões para junto das e dos cidadãos. Em simultâneo, a Concelhia tem de garantir que as lutas nacionais do Bloco chegam às populações de Odivelas, seja através da realização de eventos diversos (debates, ciclos de cinema, concertos) e/ou da distribuição do material de propaganda central do partido. É necessário, igualmente, trazer para Odivelas mais lutas sociais, como o combate ao racismo ou os direitos das mulheres, por exemplo. Transformar a representação política em ativismo de proximidade é o principal desafio para os militantes do Bloco em Odivelas no período pré-eleitoral.

É fundamental ao Bloco enraizar-se junto das populações. Quer seja pela inserção nas expressões de movimento social ou nas associações e cooperativas ou na intervenção nos grupos e círculos de debate, o Bloco deverá procurar ganhar influência na solução de problemas concretos e na dinamização da vida cultural e social local e nalguns casos gerar programas de defesa dos interesses das populações.

A luta contra todas as discriminações tem sido um dos pontos altos do trabalho do núcleo em Odivelas. Os documentos que se levaram às assembleias (municipal e de freguesia) são disso um bom exemplo. No entanto, continua a ser importante e mesmo fundamental continuar a desenvolver a luta contra o fascismo, o racismo, a homofobia, o machismo e a xenofobia. A luta contra os populismos deve passar por um trabalho nas escolas e nos bairros. Da mesma forma que, a procura de uma habitação condigna para todos e todas, continua a ser uma preocupação reforçada do núcleo de Odivelas.

Nas eleições autárquicas de 1 de outubro de 2017, apesar de não ter conseguido aumentar a sua representação nos órgãos autárquicos do concelho, o Bloco de Esquerda reforçou a sua votação em quase todas as candidaturas em Odivelas. Com dois mandatos na Assembleia Municipal e um em cada uma das assembleias de freguesia, o compromisso de todas as pessoas que ocupam esses lugares é manter e melhorar o trabalho realizado pelo Bloco desde 2005.

5. A sede do Bloco de Esquerda de Odivelas como pólo de consolidação de políticas locais

A sede do Bloco de Esquerda em Odivelas permitirá consolidar o trabalho já efetuado a nível local, quer através de reuniões informais, plenários concelhios, sessões de cinema, quer de outros eventos de convívio entre militantes. O passo seguinte será mobilizar a comunidade para a participação ativa, tanto de organizações de trabalhadores, organizações sociais, ou até mesmo individualmente, criando espaços de debate abertos a tod@s.

A sede local, mais do que o espaço logístico para apoio à atividade partidária, é o símbolo do compromisso do partido para com a população, os seus problemas e as suas expectativas. Uma sede significa permanência, um contrato político entre o Bloco e Odivelas.

Em simultâneo, a sede deve funcionar como catalisador de trabalho político do e no local, através da formação de quadros e da produção de materiais diversos.

6. Organização da concelhia

O Bloco de Esquerda de Odivelas propõe-se a continuar a funcionar na mesma forma de trabalho até aqui utilizada, garantindo ainda um reforço da pluralidade interna e maior distribuição de trabalho pelos militantes e ativistas.

Face ao exposto, no próximo mandato a concelhia de Odivelas funcionará em plenário em detrimento do funcionamento da coordenadora da concelhia.

Desde o início da sua atividade no concelho, o Bloco de Esquerda optou por uma estrutura organizativa horizontalizada, privilegiando o funcionamento em plenário. Esta forma de organização do trabalho tem-se revelado muito positiva, quer na integração de novos ativistas, quer na distribuição do trabalho político por um conjunto mais alargado de militantes, garantindo, dessa forma, um reforço da pluralidade interna e uma maior capacitação de um conjunto mais amplo de ativistas.

O Bloco comprometeu-se desde a sua fundação com uma nova cultura de organização, de ação e comunicação. Por se adaptar à especificidade dos processos de trabalho da Concelhia de Odivelas, manteremos a nossa forma de funcionamento, privilegiando o plenário em detrimento da coordenadora concelhia.

LISTA PARA A COORDENADORA CONCELHIA DE ODIVELAS – MANDATO 2018-2020

Efetiv@s

- 1 – Ana Costa, 20 anos, estudante
- 2 – David Machado, 50 anos, assistente pós-venda
- 3 - Maria do Carmo Gonçalves, 56 anos, professora
- 4 – José Valente (Paulo César), 63 anos, ator
- 5 – Raquel Correia, 37 anos, operadora de call center
- 6 - Paulo Mendes, 44 anos, editor de imagem e dirigente sindical
- 7 - Inês Ferreira, 26 anos, assistente social
- 8 – Nuno Martinho, 43 anos, arquiteto
- 9 - Isabel Andrade, 22 anos, estudante

Suplentes

- 10 - Paulo Sousa, 41 anos, funcionário da administração local (CMA) assessor BE
- 11 - Cláudia Elias, 40 anos, funcionária da administração local (SIMAR)
- 12 – Filipe Jorge Melo, 59 anos, operário principal
- 13 – Helga Coelho Silva, 39 anos, doméstica
- 14 – Paulo Gonçalves, 48 anos, carteiro e dirigente sindical
- 15 - Teresa Fernandes, 58 anos, empregada limpeza
- 16 – José Pedro Braz, 25 anos, estudante
- 17 - Andreia Meijinhos, 27 anos, antropóloga
- 18 – Francisco Carrilho, 36 anos, assistente operacional

Proponentes

António Carvalho, Dália Fernandes, Fernando Fontinha, Gonçalo Monteiro, João Curvêlo, José Falcão, Luís Carlos Fernandes, Luís Santos, Márcia Silva, Maria João Figueira Nuno Costa, Osvaldo Rojas, Roberto Tavares, Sara Simões, Vanessa Santos e Vítor Tavares

